

DIRECTOR		EDITOR	
MARIO CASTELHANO		SILVIO DE NORONHA	
ASSINATURA			
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL			
PAGAMENTO ADIANTE O			
Continente, colónias e estrangeiro	Meses	Preços	
Lisboa	1	9500	
Provincia	3	28500	
África portuguesa	6	66000	
Estrangeiro	6	102000	

QUARTA FEIRA, 4 DE MAIO DE 1927

A questão das águas

Resolva-se, de vez, a questão das águas. Não nos importa a fórmula que venha a adoptar-se. Unicamente desejamos — e estamos certos que interpretamos os desejos de todos os consumidores — que cessem a água cara, a água impura e a falta de água. Uma só condição achamos indispensável colocar e dela fazer questão fechada: que o fornecimento das águas deixe de estar entregue a essa famosa empresa de que o sr. Carlos Pereira é arauto, propagandista, grande accionista e director nefasto.

A audácia deste homem, tantos anos impune, até aqui sempre triunfal, tem posto a prêmio, com a vida e a saúde e a bolsa, a paciência da população. Constitui um desafio, que, por ser trivial, não deixa de ser, altamente irritante e altamente condenável, a facilidade com que a Companhia das Águas conseguiu tornar-se numa empresa de explorações públicas que bastantes prejuízos e não menor número de desgraças acarretou para a cidade.

Está neste momento jogando-se os destinos desse monopólio que não nocivo foi. E' bom que não se deixe fugir a ocasião, a melhor e a única ocasião de pôr termo à pior das roubalheiras e ao mais abjecto dos abusos que se têm praticado.

O sr. Carlos Pereira anda numa azáfama enorme: a sua actividade multiplica-se, quer maneando toda a espécie de influências, quer propagando-se nas suas famosas conferências, como a da Sociedade de Geografia, para a qual obteve a presença tolerante de algumas entidades em relêvo na situação militar que se atravessa.

Aquela portentosa conjunção de director nefasto e de conferencista trampolineiro está suficientemente desmascarada; várias vezes, nestas colunas, puzemos a nu os seus processos e reduzi-los, ao que valiam, as suas audaciosas mentiras.

Carlos Pereira, porém, ainda não desanimou; a esperança de continuar a sua obra, que qualificar de criminoso equivale a exprimir o que ela tem sido, persiste nele por uma razão digna de apontar-se: Carlos Pereira mede o passado pelo presente e supõe que o futuro será sensivelmente igual.

O passado que foi? um ror de anos de água impura que originou epidemias de apavorante mortalidade; um ror de anos a conseguir aumentos no preço da água — aumentos esses que dizia destinados a obras que permitiriam acabar com a falta de água e com a água impura.

Que fez a esses sucessivos aumentos? Arrecadou-os nos cofres da Companhia, distraíndo-os das tais obras que ele nunca fez, que ele premeditou nunca realizar, burlando os governos que lhe autorisaram e coagidos pelas circunstâncias, a essas anuais extorsões.

Esta história não oferece um lance novo, um desfecho diferente, nem sequer nunca se desanolou em opostas quadras do ano. Era sempre no verão que a água faltava e era sempre no verão que ele pedia dinheiro a fim de no ano seguinte não se dar a mesma calamidade. E a calamidade sempre se deu. Apenas de ano para ano se tem vindo agravando, dando a todos nós a impressão que não há já um único mês em que não falte, pelo menos parcialmente, a água.

O sr. Carlos Pereira pretende que continuemos expostos aos riscos de uma epidemia e aos prejuízos das suas extorsões.

Não será tempo, para salvaguarda da nossa vida e da nossa saúde e para tranquilidade futura da nossa algibeira, pôr um ponto final no sr. Carlos Pereira?

O nosso reaparecimento

Escreve-nos, enviando saudações a Balthazar, António Soares Ferreira, bem como a importância de 20000 como auxílio.

A guerra na China

Um missionário fusilado

XANGAI, 3 — Foi fusilado em lunafio o missionário canadense Slichter assim como uma sua filha. Slichter tinha nos braços a filha quando foram passados à baioneta na presença de sua esposa, que também tinha sido presa e ferida mas depois posta em liberdade bem como uma outra filha — (C)

A ENFERMAGEM RELIGIOSA

Responde-se ao convite das "Novidades" mantendo a afirmação de que no hospital de Tórres Novas as "irmãs de caridade" têm praticado actos desumanos

Um vômito de um escriba que abusivamente se arroga jornalista

Para quem se encontra só em campo defendendo os princípios de liberdade que custaram torrentes de sangue a bastantes gerações, escasseia o tempo para polémicas de dize tu direi eu, mesmo que essas polémicas tenham aparentemente um objectivo social.

Definimos os nossos pontos de vista sobre enfermagem religiosa em alguns artigos, demonstrando claramente que não há enfermagem secular nem enfermagem laica: há apenas enfermagem.

Salientámos também que se há deficiências nos serviços hospitalares elas não são motivadas pela enfermagem. E se assim é, concluímos por afirmar que não seriam as "irmãs de caridade", pertencentes fosse a que ordem fosse, que viriam resolver o caso. Muito pelo contrário, não conhecendo as religiosas os segredos da enfermagem, a situação dos doentes teria necessariamente de se agravar, pois no século XX já não há criança de mama que ignore a ineficácia de um "padre-nosso" no tratamento da tuberculose ou outra enfermidade crónica.

E só quando exaltaram as virtudes das religiosas esquecendo que há enfermeiros e enfermeiras carinhosos e abnegados, nós apresentámos aquele caso do hospital de Torres Novas em que uma religiosa esbofetou uma paralisada, para honra do dr. Carlos de Azevedo Mendes, provedor da Santa Casa da Misericórdia e um dos mais feroces reacçãoários daquela vila estreminha.

Passados quasi oito dias, isto é, só ontem, é que as "Novidades" nos repavam a denunciar o nome do nosso informador, pois, dizia o jornal do sr. Gamboa, a nossa afirmação não passa de uma calúnia.

Quem conhece Torres Novas e sabe de que influência dispõe ali o jesuíta Carlos Mendes acredita que a indicação do nome do nosso informador custaria a este um mau bocado, se não fosse o próprio aniquilamento.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Não! Só forneceremos esse nome noutro lugar, se a tanto nos obrigarem. Não queremos ter o remorso de dar ao sr. Carlos Mendes um corpo para ele cravar as suas unhas de água negra. Conhecemo-lo bem. Sabemos de quanto é capaz esse jesuíta.

Não nos esqueçamos das perseguições que esse bom provedor tem movido a alguns torrejanos que não são casados religiosamente. Que faria se se tratasse dum homem que informa a Batalha. Livro!

Mas o nome não importa. Os factos são tudo. E como é assim, mantendo tudo quanto escrevemos e que originou o repto, vamos ainda dar aos leitores mais alguns informes do que é a beleza da enfermagem religiosa em Torres Novas. Se calhar as "Novidades" são capazes de nos desmentir. Se é falsa toda a sua doutrina!

O operário pedreiro Aníbal Alves teve que dar entrada no hospital do tal dr. Carlos Mendes, por se encontrar tuberculoso. Em qualquer hospital, além doutro tratamento, não lhe faltaria uma regular alimentação. Pois no sanatório das beatas de Torres — nome porque é conhecido aquele hospital — davam ao Aníbal Alves, mecludas (papas de farinha de milho).

Em virtude do péssimo tratamento, a mulher deste operário reclamou, pois não se compreendia que um doente passasse fome enquanto as beatas se alimentavam com excelentes menus.

O protesto deu algum resultado. Mas não tanto que evitasse que a pobre mulher tivesse que levar todos os dias a seu marido do leite, ovos, manteiga, etc.

Será isto humanidade? Será este o encanto da enfermagem secular?

Outro caso: Sobre o hospital de Torres Novas voeja como ave agorreira o padre João Nunes Ferreira. Assim que o doente entra o malfeitor cai sobre o corpo exangue do recém-chegado. Ou converte-se a cáctica, ou passará inclemências sem nome. Na cabeceira é obrigado a ostentar santos e rosários e tem de exteriorizar por Deus uma grande admiração. De contrário...

LA NOVELA SOCIAL

NOTAS & COMENTÁRIOS

Fora de moda
Uma reportagem, quando não é verdadeira, descredita o jornal e provoca, no espírito do leitor, uma indignação que só os anormais não acham legítima. Quando o jornal publica uma reportagem nessas condições, sem a defender, dando-lhe um certo cunho literário que permita suportá-la nos intervalos dos teatros, então é caso para perguntar à Cidade para que se insere uma série de mentiras sem verosimilhança numa linguagem de quem narra os atropelamentos e a chegada de vaporinhos ao Tejo. E a Cidade se nos responde seria talvez que o respeito pelo público passou de moda...

Duplicações e justificações
Segundo refere a Situação, que não foi desmentida, no desafio de futebol no campo das Amoreiras venderam-se bilhetes com numeros duplicados, — o que indica claramente que há uma quadrilha ou uma entidade que vale por uma quadrilha a fazer operações a que o Código chama roubo.

Apóstomos em como ninguém é molesto
Do Diário de Lisboa por outro lado afirmava ontem que no desafio do Estádio estava muita polícia para justificar a despesa. Estes dois factos reunidos a outros que temos publicado impõem a obrigação moral de perguntar se o pinhal da Azambuja aumentou grandemente a sua extensão.

FABRICA
candilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

A COCAÍNA

Continua vendendo-se impunemente este terrível alcaolide

Os jornais, talvez movidos pela imperiosa falta de assunto o que estão condenados, mostram-se alarmadíssimos com o vício da cocaína, aproveitando a prisão de alguns dos seus mais modestos vendedores para se fingirem muito admirados com o haver quem lance mão desse terrível alcaolide. Ora a cocaína não é de ontem. Existe há alguns anos e contam-se por muitos milhares os desgraçados vítimas desse terrível vício.

Por outro lado, a polícia não extinguiu esse vício, nem conseguiu meter nos calabouços quem se entrega a um género de negócio tão repulante. A cocaína tem grande numero de desgraçados que a ela se lhe entregam diariamente, desgraçados que são multissimos explorados pelos vendedores desse cuferístico, quasi todos criaturas inimigas do trabalho, destituídas de escrúpulos e de porte moral duvidosissimo.

Em certos meios avultam os viciados e nesses meios, a pesar de serem relativamente poucos, a cocaína vende-se sem impedimentos de maior. E agora nos outros, naqueles onde é difícil fazer qualquer espé-

Depois temos todos aqueles casos que o enviado especial de A Batalha a Torres Novas contou em sucessivos artigos, em Março do passado ano, sem que até hoje fossem contestados.

E' possível que os Gamboas agora venham desmentir-nos...

Vamos agora às contradições das "Novidades". Diz o órgão católico que o dr. Carlos Mendes «se viu na necessidade de pôr em prática o princípio de diminuir as despesas e aumentar as receitas e por isso como o pessoal de enfermagem trazia uma grande despesa o substituiu por irmãs hospitalarias».

Então o pagamento a dois enfermeiros é que constitua uma grande despesa? E os outros encargos que o hospital criou não constituem despesa? Acaso com eles seriam aumentadas as receitas?

Repetimos: a expulsão dos dois enfermeiros do hospital de Torres Novas só teve um fim: completar a obra do padre João Nunes Ferreira.

O escriba da Situação que, por falta de um lugar no governo civil, nos vem atacando a propósito da enfermagem religiosa, sentiu-se com o remoço e foi ao do cabo. Chama-nos energúmeno e diz que mentimos afirmando que o órgão dos sidonistas reclamava a expulsão do pessoal dos hospitais. Então fomos nós que mentimos reproduzindo o que o escriba pôz em letra redonda e agora, por conveniência, não dá que fazer aos caracóis, dá que fazer aos coqueiros: é uma escravidão sem ruído. As épocas vão passando, e ao compasso da sua marcha vai-se entreabrindo o progresso; progredem as artes e progredem as astúcias; e a astúcia de explorar o género humano adeantou-se com velocidade a todos os ramos da ciência moderna: em linguagem convencional, essa astúcia é uma filha bastarda do progresso, que, por ser bastarda ou ilegítima, como os zorros dos fidalgos medievais, vive protegida e caucionada ocultamente... Por isso não aturde ninguém com os horrores dramáticos que muita gente exige para compreender a palavra — Escravidão.

Como a população desta ilha, comprida num pedaço de terreno, se atropela e guerreia para ganhar um pão, mostra-o eloquentemente a principal indústria da terra: as mobílias de verga e os bordados. Estes produtos de paciente labor e pobríssima paga, só numa terra onde a miséria e a aglomeração humana corremsem poderiam constituir uma indústria por excelência.

No catálogo comercial da Madeira (dirão) há outras indústrias, também famosas: os vinhos — a manteiga. Há, de-certo, mas estas, pela massa operária que exigem, pelo trabalho que dispendem, mais fazem realçar a primeira, criada por braços que a estas sobejam. Já que quantidade imensa de habitantes não fica ainda sem trabalho em uma terra onde a cultura da vinha é tão vasta, para que possam ser exportadas para todos os cantos do mundo tais quantidades de mobílias e peças de bordado!

E, além dos milhares de proletários que estão nos dedos tecendo vime, quantos moirejam em ocupação diferente! Há-os que vêm nascer e pôr o sol alombando sacos no cais; outros andam o dia inteiro fazendo de animal, arrastando carrinhos e berlindas; outros, correm mil vezes da cidade para o cais e do cais para a cidade para vender uma lembrança; outros roçam-se aos forasteiros para lhes ensinarem certas casas onde a carne da mulher se vende fresca por baixo preço; — e quantos outros ainda por aí existem no segredo de suas viciadas sombras...

O trabalho não é contratado de homem para homem, de cara erguida, no acordo honroso do interesse mútuo, humano, racional e criador: é mendigado pelo operário.

Um livro interessante
Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, "IDEÁRIO", que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação Liberdade — Tactica — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayos Filosóficos — Idealismo — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento Insólito.

Preço 18\$00 — Pelo correio 19\$50
Pedidos a Administração de "A BATALHA".

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 20\$00
Sapatos em verniz 25\$00
Botas pretas (grande saldo) 28\$00
Botas brancas (saldo) 28\$00
Grande saldo de botas pretas 28\$00
Botas de cor para homem 40\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Vir bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operária é na rua dos Cavaleiros, 12-20, com Filial na mesma rua, n.º 43.

PORTO, 2 — Vão seguir para Lisboa os operários António de Magalhães, Pedro Lourenço, Bento Mendes da Costa e António Morais Adão, que se encontram no Aljube, sob a acusação de terem ideias subversivas.

O combate tem sido feito de maneira bem precária, de modo que toca-se de leve no vício, o qual vai alastrando terrivelmente. A cocaína é um efeito e não uma causa, como parece haver quem assim pense. Um ser normal, sadio, sente por esse, como por outros excitantes similares, uma repugnância instintiva que dificilmente poderá combater. Mas, na maioria dos casos, o coqueiro é um degenerado, um doente a quem esse mal que ele toma por um remédio, provoca uma decadência rápida.

Procurou-se, por ventura, eliminar os motivos que arrastam a degenerescência? Não. Quem é degenerado só encontra no seu caminho obstáculos que o impedem de regenerar-se e facilidades que o arremessam por um fatal declive. De modo que a cocaína é mais uma das muitas provas conclusivas da decadência moral e física da sociedade. Por culpa da mesma sociedade...

A escravidão moderna

Como vive a população da Madeira — 160.000 escravos brancos — A rede capitalista e a esmola do salário — Emigrar... emigrar! — Dissertações e raciocínios sobre o pobre ilheu

As estatísticas fiam a ilha da Madeira uma densidade de população de 202 habitantes por quilómetro quadrado — mais do triplo da do continente. Quere dizer: em 760 quilómetros de superfície vivem cerca de 170.000 almas na mais intensa e amargosa luta pelo pão de cada dia.

Os que não possuem terras nem dinheiro, sofrem a mais feroz exploração das classes abastadas. Cercados por um mar imenso, para além do qual só muito longe o grande mundo se abre — este mar tão difícil de transpo: à legião infinita das párias — os pobres da Madeira têm de vegetar aqui, presos ao salário mais ínfimo, amarrados à escravidão económica mais cruel.

Reservando a proporção das classes intermédias, podemos dizer que andam perto de cento e sessenta mil escravos cavando a terra, podando a vinha, construindo edifícios — para que uma ridícula minoria de senhores viva regalada e feliz.

Escravos, disse, e escravos são. O sistema de escravidão da Madeira não é igual ao da África de há duzentos anos: é semelhante ao da Irlanda de hoje. Não existe nas leis, mas vive nos costumes. Não se acredita facilmente nele, como facilmente se não acredita na existência de certos animais ferozes, todavia, como as feras de continentes longínquos, a escravidão na Madeira existe.

Para ver em plena liberdade a cabeça do tigre, do leopardo ou da pantera, temos de penetrar na selva; para ver a escravidão de hoje, temos de penetrar nos meandros da vida económica, perfurar a teia da tutela capitalista, mais abaixo das aparências risonhas da ordem social que nos faz desfilir diante dos olhos apenas o exterior do correto, mas é de facto. Não incomoda o século com estalos de chicote flagelando os corpos nem atrai a atenção com gritos de gentes castigadas e presas à polé; não dá que fazer aos caracóis, dá que fazer aos coqueiros: é uma escravidão sem ruído. As épocas vão passando, e ao compasso da sua marcha vai-se entreabrindo o progresso; progredem as artes e progredem as astúcias; e a astúcia de explorar o género humano adeantou-se com velocidade a todos os ramos da ciência moderna: em linguagem convencional, essa astúcia é uma filha bastarda do progresso, que, por ser bastarda ou ilegítima, como os zorros dos fidalgos medievais, vive protegida e caucionada ocultamente... Por isso não aturde ninguém com os horrores dramáticos que muita gente exige para compreender a palavra — Escravidão.

Como a população desta ilha, comprida num pedaço de terreno, se atropela e guerreia para ganhar um pão, mostra-o eloquentemente a principal indústria da terra: as mobílias de verga e os bordados. Estes produtos de paciente labor e pobríssima paga, só numa terra onde a miséria e a aglomeração humana corremsem poderiam constituir uma indústria por excelência.

No catálogo comercial da Madeira (dirão) há outras indústrias, também famosas: os vinhos — a manteiga. Há, de-certo, mas estas, pela massa operária que exigem, pelo trabalho que dispendem, mais fazem realçar a primeira, criada por braços que a estas sobejam. Já que quantidade imensa de habitantes não fica ainda sem trabalho em uma terra onde a cultura da vinha é tão vasta, para que possam ser exportadas para todos os cantos do mundo tais quantidades de mobílias e peças de bordado!

E, além dos milhares de proletários que estão nos dedos tecendo vime, quantos moirejam em ocupação diferente! Há-os que vêm nascer e pôr o sol alombando sacos no cais; outros andam o dia inteiro fazendo de animal, arrastando carrinhos e berlindas; outros, correm mil vezes da cidade para o cais e do cais para a cidade para vender uma lembrança; outros roçam-se aos forasteiros para lhes ensinarem certas casas onde a carne da mulher se vende fresca por baixo preço; — e quantos outros ainda por aí existem no segredo de suas viciadas sombras...

O trabalho não é contratado de homem para homem, de cara erguida, no acordo honroso do interesse mútuo, humano, racional e criador: é mendigado pelo operário.

Como a população desta ilha, comprida num pedaço de terreno, se atropela e guerreia para ganhar um pão, mostra-o eloquentemente a principal indústria da terra: as mobílias de verga e os bordados. Estes produtos de paciente labor e pobríssima paga, só numa terra onde a miséria e a aglomeração humana corremsem poderiam constituir uma indústria por excelência.

No catálogo comercial da Madeira (dirão) há outras indústrias, também famosas: os vinhos — a manteiga. Há, de-certo, mas estas, pela massa operária que exigem, pelo trabalho que dispendem, mais fazem realçar a primeira, criada por braços que a estas sobejam. Já que quantidade imensa de habitantes não fica ainda sem trabalho em uma terra onde a cultura da vinha é tão vasta, para que possam ser exportadas para todos os cantos do mundo tais quantidades de mobílias e peças de bordado!

E, além dos milhares de proletários que estão nos dedos tecendo vime, quantos moirejam em ocupação diferente! Há-os que vêm nascer e pôr o sol alombando sacos no cais; outros andam o dia inteiro fazendo de animal, arrastando carrinhos e berlindas; outros, correm mil vezes da cidade para o cais e do cais para a cidade para vender uma lembrança; outros roçam-se aos forasteiros para lhes ensinarem certas casas onde a carne da mulher se vende fresca por baixo preço; — e quantos outros ainda por aí existem no segredo de suas viciadas sombras...

O trabalho não é contratado de homem para homem, de cara erguida, no acordo honroso do interesse mútuo, humano, racional e criador: é mendigado pelo operário.

Como a população desta ilha, comprida num pedaço de terreno, se atropela e guerreia para ganhar um pão, mostra-o eloquentemente a principal indústria da terra: as mobílias de verga e os bordados. Estes produtos de paciente labor e pobríssima paga, só numa terra onde a miséria e a aglomeração humana corremsem poderiam constituir uma indústria por excelência.

No catálogo comercial da Madeira (dirão) há outras indústrias, também famosas: os vinhos — a manteiga. Há, de-certo, mas estas, pela massa operária que exigem, pelo trabalho que dispendem, mais fazem realçar a primeira, criada por braços que a estas sobejam. Já que quantidade imensa de habitantes não fica ainda sem trabalho em uma terra onde a cultura da vinha é tão vasta, para que possam ser exportadas para todos os cantos do mundo tais quantidades de mobílias e peças de bordado!

E, além dos milhares de proletários que estão nos dedos tecendo vime, quantos moirejam em ocupação diferente! Há-os que vêm nascer e pôr o sol alombando sacos no cais; outros andam o dia inteiro fazendo de animal, arrastando carrinhos e berlindas; outros, correm mil vezes da cidade para o cais e do cais para a cidade para vender uma lembrança; outros roçam-se aos forasteiros para lhes ensinarem certas casas onde a carne da mulher se vende fresca por baixo preço; — e quantos outros ainda por aí existem no segredo de suas viciadas sombras...

rio no gesto que humilha e deprime, e esmolado pelo patrão na sobrerância que enleva.

O industrial, o comerciante ou o proprietário, que precisam fomentar suas riquezas, mostram o salário insignificante como quem mostra uma cêde de pão a uma multidão de esfomeados. E o trabalhador por sua vez, não só o aceita como tal, mas também dá em troca, com a força dos braços, a sua independência moral, atropelando o companheiro... Há uma só cabeça que pensa, que raciocina e pode alimentar opinião política: a do patrão que paga salários; há só uma classe que tem força, que pesa nos destinos e puxa pelo rabo dos doutores: é a minoria dos que mandam trabalhar; o resto é rebanho dócil, é zero, é coisa nenhuma...

Dizem-me que quasi sempre o operário se obriga a gastar o salário na casa do próprio patrão, consumindo os seus produtos, ficando preso à progressiva evolução do lucro que o seu trabalho produz e o seu magro cabedal aumenta; e esse lucro em breve o alcança, enleando-o na arca de ferro dum crédito agiotado de que nunca mais se vê livre sem a nota de caloteiro ou ladrão.

Assim explorado, assim roubado, o pobre trabalhador, jogando depois a sorte da família com a sua própria, intenta um recurso heroico e desesperado: — emigrar! Então accorda nele a primeira noção que o diferencia do animal, deante da grandeza infinita das águas... Já raciocina... Ah, que bom seria embarcar num daqueles navios colossais que todos os dias passam, e ir a outras terras mais largas, ir a outros mundos mais vastos onde a vida se possa ganhar!... Mas esbarra de encontro ao céu de uma outra escravidão... As leis, que foram feitas para trancar a felicidade dos pobres, não consentem em tal. Para fazer uma coisa tão simples como embarcar num bote e saltar a grade de bombardeio do navio, como um criado que se retira descontente a procurar outro patrão, é preciso tanto dinheiro e tanta formalidade! A lei abre a gaiola, mas corta as asas ao pássaro...

O pobre raciocinou — o capitalista começa a ter-lhe medo. Os lobos têm medo da luz. Então, encomenda-se o resto à religião; e, como o luterano inglês diz à Irlanda, o católico romano da Madeira diz ao escravo da sua terra: — Meu filho, o remédio está no céu!

Depois, a mesma vida renasce, os mesmos sofrimentos voltam, cada vez mais acres. O obreiro ajoelha de novo, arrependido de ter pensado mal...

Nada mais ocorre ao rude operário. A carência de individualidade colectiva e a inconsciência do próprio valor, marcam a este povo o seu caracter monótono e passivo que anda traduzido pelo mundo nos móveis de verga e nos bordados — arte fecunda do arquipélago. A servidão é o seu destino; trabalhar, a sua obrigação; — não para si, mas para os outros. Todas as suas aspirações se cifram em fugir um dia para países distantes, e não em fugir daqui mesmo, tornando-se outro. A grilheta é para ele uma condição da natureza, como a água e o pão. Nunca uma ideia de emancipação lhe atravessou o cérebro num lampejo de justiça, nem um sonho de liberdade o sacudi no hereditário sono de humilhação e de fronte e puxando-lhe os nervos para encerrar de frente a aurora do seu dia.

Meu pobre camponês desta linda ilha viverá amarrado a terra resignado; morrerá trabalhando e deserdará à cova humilde, deixando os filhos róticos e famintos a interrogar a sua sombra, a perguntar-lhe de que te valeu passar na vida e porque os condenaste assim à vergonha de si mesmos, sem lhes legar sequer um gesto de revolta...

Talvez ninguém aqui falasse ainda da agitação reivindicadora que ressoa no coração do mundo, que criou Surarine e tornou possível Sofia Perwskaia; jisso provocaria uma alteração estéril neste rebanho branco onde as novas ideias não têm ainda amigos nem adeptos, de compleição moral capaz de lhes fazer levantar a cabeça para o Sul...

Le monde marche; mas esta ilha não... ALFA

Luta incessante

Tenho fixa numa chapa nítida da memória uma multidão escura de mineiros saída nessa ocasião das cavernas do "diamante negro", que torna omnipotente sobre a terra e sobre o mar a plutocracia norte-americana.

A esta multidão falava uma mulher. Era a viúva de Parsons, a suave e forte "Mrs. Lucy", que me tinha acompanhado numa tournée de propaganda revolucionária, que estava realizando nos fins de 1895 pelas regiões mineiras do Illinois.

Ela falava em inglês, e o maior numero dos seus ouvintes, era gente rude, vinda de todos os cantos da terra: italianos, alemães, belgas, pretos, malaios... Porém todos, ainda mesmo aqueles que não e comprehendiam, estavam atentos, quasi absorvidos no enluz de vaticínio. Era a companhia do enluz forçado sem mácula e sem medo; era a que recolhera piedosamente e hericamente as últimas palavras, o último halito de... Era pois elle, era bem elle que falava ainda pela boca da mulher anada. Alguma, que o tinham ouvido anos antes, tinham ainda vivo no coração os ensinamentos vitoriosos. Era bem aquella a lição sincera das coisas, a força férrea da razão, e irradiada pelo ideal... Eles sabiam, eles recordavam.

Isso que, muito mais tarde alguns anarquistas e socialistas franceses repetiram, baptizando-o com o nome de sindicalismo, levando a mercadoria para a exportação mundial a marca parisiense — isso expunha-o ela com a superioridade do silogismo anglosaxão fundido no crisol corajoso da praticabilidade lanke.

A acção directa da organização: profissional, a pressão incessante, económica e política, das massas operárias, pela conquista dum sempre maior bem-estar, de sempre maior liberdade, a agitação popular dupla e consciente contra as duas grandes violências inimigas do proletariado: a dominação capitalista e a estatal — tudo enfim, tudo quanto, mais incompletamente, e menos valorosamente, mais tarde se quis fazer passar como novidade, ouvi naquela tarde no discurso de Luzia Parsons, perante aquela fulgurante onda humana.

E quando ela acabou um canto, triste e lento como um salmo de morte, saiu de milhares daquelas bocas escuras, como um sêpro de subvelação que viesse do desconhecido, do mistério do não ser. Era o canto de Parsons, como lhe chamavam de Hudson a Golden Gate, o hino rebelde que elle tinha composto, nos preságios da força infame.

Voltavam as recordações, as palavras e as sombras gigantes. A multidão via-as, sentia-as na noite — escutava, atônita, o hálito colossal. E um grande raio inundava as dores e as esperanças, onde a historia dos homens se confunde — uma grande aurora se levantava daquelas forças, das quais Victor Hugo, maldizendo, não conseguiu arrancar as vítimas, puras como o seu sonho...

Perante aquele esplendor, como te fizeste sanguineo e pequeno, ó farol da liberdade, erecto para escárnio dos naufragos longínquos, no pórtico da cosmopolita Nova York!...

Pedro GORI

EFEMÉRIDES

3 de Maio

1656.—Auto de fé em Córdova, sendo queimadas, em nome de Deus, seis pessoas.

1886.—É posto à venda o notável poema, *Anti-Cristo*, de Gomes Leal, poeta este que morreu abjurando lamentavelmente a sua preciosíssima obra anti-clerical e anti-religiosa.

1887.—Uma explosão de grisu nas minas de Vitória (Inglaterra), extingue a vida a 170 operários.

1900.—Inaugura-se em Murcia um congresso agrícola.

1904.—Morre repentinamente em Paris, o bacteriologista Duclaux, director do Instituto Pasteur.

1923.—A Federação Nacional das Cooperativas promove, no Teatro Nacional, um grande comício contra a ganância das oligarquias financeiras, causadora da carestia da vida.

1925.—Inaugura-se em Faro a Conferência Inter-Sindical do Algarve.

4 de Maio

1606.—Jansen descobre as leis do telescópio.

1624.—Auto-de-fé em Coimbra, saindo, em nome de Deus, vinte e uma pessoas: 12 para o queimado e 9 relaxadas em carne.

1661.—Grande revolta popular no Porto contra o imposto do papel selado.

1796.—Morre Prescott, historiador americano.

1847.—Em Betanzos (Espanha), são fuzilados vários liberais.

1873.—Morre Livingston, explorador africano.

1892.—Chegam a Lisboa os revoltosos do 31 de Janeiro, do Porto, a quem foi concedida a amnistia.

1900.—Comícios em Lisboa e Porto, contra o governo.

1904.—Reclamando 8 horas de trabalho, declaram-se em greve os mineiros de Sevilha.

1912.—Em Lisboa, os tecelões em greve têm um conflito com a polícia, do que resultou alguns operários e policiais feridos.

1913.—Inaugura-se o congresso dos mineiros de Pás-de-Calais.

1925.—Morre Ader, o «pai da aviação».

A BATALHA NA PROVINCIA E ARAGUES

Um como há muitos...

GONÇALO, 1.—O padre Manuel Salsedas, que desde que para aqui veio tem condenado o casamento, fazendo a apologia da vida conventual, passou subitamente a elogiar, fazendo de intermediário de namoro para várias meninas.

A maior parte dos habitantes desta freguesia estranhou a reaviravolta súbita do padre que tem provocado os mais variados comentários.

Porém a verdadeira razão da modificação das suas opiniões está no facto que passa a referir-se.

Há tempos o padre encontrou no adro da igreja uma rapariga «chica» que conta apenas 15 anos e, como estivessem perto umas crianças encaminhou-a para o côro da igreja, fechando-se com ela lá dentro.

As crianças ao verem cerrar-se a porta da igreja irromperam em forte algazarra, chamando a atenção de várias pessoas e entre elas de Manuel Esteves de Matos. Essas crianças viram sair os dois — o padre e a rapariga — bastante corados e perturbados.

Também subemos que há tempos, encontrando-se próximo do altar com uma menina, de quem se despede sempre quando viaja, ao entrar uma velha ficaram ambos muito atabalhados, começando a benzêrem-se e a rezarem como disfarce. Tudo isso tem dado origem a comentários que não reproduziremos por achá-los dispensáveis.

O padre costuma também fazer, do seguinte modo, uma distribuição de santinhos:

Mete-se dentro da sacristia e recebe as raparigas, uma a uma, com a porta convenientemente fechada!

Outros factos poderíamos citar, mas não bastariam estes para que os pais se acautelem um pouco? A não ser que para eles valha mais o padre que a reputação e o que constitui a honestidade das filhas.

Dos livros e dos autores

VERSOS, por...

Portugal continua sendo um viveiro de poetas. Será o sol? Será o feitiço melancólico das gentes nascidas no território existente entre Melgaço e o Cabo de Santa Maria? Não queremos responder a estas duas perguntas, por entendermos que a violência inevitável da resposta faria com que se supozesse que pretendemos o extermínio dos que põem, com benedictina paciência, as suas emoções supostas ou verdadeiras e as suas aspirações, por vezes bem egoístas e mesquinhas, a viver umas com as outras, quasi sempre sob a formosa soneta que se torna, em caso contrário, num passatempo, num quebra-cabeças agradável para quem não tem bichinhos da seda a criar — se é macho — ou preocupações da vida — se é fêmea.

A poesia — coitadinha! — sofre tratos de polí com esta ninhada de senhoras e de senhores que não podem sofrer dos calos ou apanharem um sopro na vaidade, sem virem chorar a seco o seu tédio e a sua amargura. Regressa-se ao pinguismo romântico e aí temos de regresso a Elvira fatal do século passado, suspirando amor à beira dum lago, que o luar banhe de claridade e de sonho!

Recebemos ultimamente dois livros de versos: «Amor, Sofrer!» do sr. José Forbes Costa e os «Penitentes» do sr. José Rezende Borges.

Do primeiro diremos que é uma vítima, um contagiado — e é pena. Quem escreveu o «Catálogo Ilustrado da Livraria Civilização» e «A Reforma do Exército e os Alunos Militares», prova que não pode ser, ao mesmo tempo, prosador e poeta.

O segundo tem a nossa absolvição. É novo, excessivamente novo e alguns anos por cima serão o suficiente para, ao recordar os seus versos, se arrepender, sem um grande remorso. Que diabo! Cometer um livro de versos, não é o mesmo que cometer um crime. Outros mais velhos praticam livros de sofrimentos rimados piores, muito piores do que o seu — que não é de todo — não se atendermos à sua idade e à fisionomia bem disposta do retrato, que inseriu como documento pessoal e simpático.

PELOS C. DE FERRO DA B. A.

As últimas violências do director. O encerramento da Associação de Classe e a suspensão do jornal 'O Rápido'

Dissemos já que Joaquim Abranches, director dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, era um verdadeiro despota. Hoje vamos oferecer aos leitores mais uns subsídios para a história desse homem que, dentro daquela empresa, só tem espalhado ódio, sofrimento e tristeza entre os seus componentes.

Há casos antigos que a descreverem-se dariam para muitos artigos e onde se demonstraria a sua terrível bilis, principalmente para com aqueles que, cumprindo os seus deveres dentro do respectivo serviço, melhor sabem reconhecer os seus direitos, procurando organizar-se na sua defesa, por intermédio do seu sindicato.

Esta atitude lógica, natural e humana, faz comitar os rancores do director contra o pessoal, vexando-o com castigos injustos; não atende as suas reclamações nem tão pouco os ouve na exposição que todo o azeite tem direito a formular, colocando a verdade e a justiça nos seus verdadeiros lugares.

Senhor onipotente e absoluto, dispõe a seu belo talante da situação dos ferroviários, transferindo-os, multando-os, perseguindo-os sistematicamente e por último demitindo-os, depois de os ter explorado ignobilmente, com vencimentos irrisórios e mais horas de trabalho sem remuneração.

Ultimamente e aproveitando-se do momento especial que se atravessa, redobrou de fúria e a pretexto de que os ferroviários se encontravam convenientes no último movimento revolucionário, mais um pretexto e dos mais baixos para saciar a sua vontade de oprimir os empregados, castigou um sem número deles, atirando-os da estação de Figueira para a Guarda e para outras estações intermédias e influenciando junto das entidades encarregadas de investigar os acontecimentos, de maneira a poder vingar-se de criaturas que têm enfrentado as suas fúrias, com altivez, mesmo através dos maiores sacrifícios.

Foi assim que conseguiu ver os seus desígnios satisfeitos com o encerramento da Associação dos ferroviários da Beira Alta, organismo que nada tem como conflito político desenvolvido em Fevereiro e simplesmente se preocupa com os interesses económicos e morais dos seus associados.

Pois a sua acção foi tão grande contra o referido organismo que afirmou-se ter ficado em seu poder com os documentos e expedientes que existia na Associação!

E acha-se este cavalheiro com tão boa disposição nesta conjuntura que se atravessa, que foi até ao ponto de aplicar injúrias penais a vários funcionários por os mesmos terem tomado parte activa na Associação!

E' ele, pode dizer-se, que tudo manda com referência aos ferroviários, vendo por isso satisfeitos os seus desejos de perseguição.

Passado já muito tempo após os acontecimentos, constata-se a suspensão do órgão da imprensa dos ferroviários *O Rápido* — mensário defensor dos seus interesses.

IMPRENSA

«A Voz Pública»

Reapareceu ontem o diário da tarde «A Voz Pública», que há meses se encontrava suspenso.

Máquina de costura

Vende-se uma máquina de costura em estado de nova, marca «Singer». Diz-se na administração deste jornal.

COLISEU DOS RECREIOS

AMANHÃ — Quinta-feira — AMANHÃ
O grande e sensacional film de arte

Vinte anos depois

Extraído do célebre romance de ALEXANDRE DUMAS

Extraordinária interpretação dos mais consagrados artistas entre os quais figura

HENRI ROLLAND

Grande triunfo da arte cinematográfica

Preços populares

Krapotkine

Anarquia, sua filosofia e seu ideal

A Grande Revolução (2 vol.)

A moral anarquista

Os bastidores da Guerra

O Estado e o seu papel histórico

Lazare — A Liberdade

N. Léning — Os problemas do poder dos Soviets

Landauer — A Social Democracia na Alemanha

Manuel Ribeiro — Na linha de fogo

Marx — O Capital

Melchior Inchofer — Monarquia jesuítica

Nietzsche

Anti-Cristo

Genealogia da moral

Neno Vasco — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas

Concepção Anarquista do Sindicalismo

A greve dos inquilinos

Tomás de Fonseca — Sermões da Montanha

Noviow — A emancipação da mulher

Pataut e Pouget — Como faremos a revolução

Perfeito de Carvalho — Notas e comentários

Roberto das Neves — O espectro de Bulgária

Sebastião Faure — Doze provas da inexistência de Deus

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

O NOSSO IDEAL

A propriedade individual, como afirmou Elloré, é a funesta geradora de todos os crimes. Mas se hoje, sendo privilégio exclusivo de poucos, é a causa de misérias morais e materiais, amanhã, quando a sociedade a possuir em comum, ela se transformará, naturalmente, em base económica da solidariedade universal. Em poucas palavras, se a propriedade privada é a base da ordem natural (ou seja uma verdadeira desordem) a propriedade social será a base da nova ordem, de inteira ordem.

Enão há de cair todos os privilégios de classe e de casta e as classes fundir-se-ão numa só família de iguais. Possuindo todos os homens os mesmos interesses e os mesmos deveres nas relações reciprocas, nenhum trabalho será depreciado comparado com outro, visto que todos, até os agora considerados como mais abjectos, são nobres porque são úteis ao homem e necessários à convivência social.

O trabalho será dividido segundo as aptidões, a capacidade e a inteligência de cada um, sendo respeitado tanto o trabalho do médico, do engenheiro, do maestro, como o do operário. Cada um prestará o concurso do seu esforço na corporação das artes e ofícios a que pertença, segundo as suas próprias forças. E os produtos da indústria e da arte, estarão à disposição de todos para que satisfaçam integralmente todas as suas necessidades.

Cada homem é filho da educação e da instrução que recebeu em criança. A educação do coração tornará bons os homens; a do cérebro, iluminá-los há fazendo desaparecer as trevas da ignorância que é a primeira inimiga da liberdade. Deste modo poderá desenvolver-se mais nos homens o sentimento da fraternidade e do amor que unirá todos os trabalhadores numa só família feliz e tranqüila, e o brutal egoísmo cederá o lugar à solidariedade para o bem estar comum.

No que concerne à questão económica em breves palavras o que é a nossa desordem. Comparai-a agora com a vossa ordem, senhores economistas, defendida pelas baionetas, pelos canhões, pelos cárceres e pela perseguição.

Não há, não pode haver ordem, na verdadeira acepção da palavra, onde existirem as relações sociais económicas ou políticas, domínio, opressão, violência do homem sobre o homem. Eis o motivo por que os anarquistas empunham a revolução e demolidora picareta da crítica contra a ordem capitalista e familiar da presente organização social. Eis porque atacam na sua essência o princípio de autoridade personalizada no Estado ou no governo; não este ou aquele governo mas sim todos os governos.

E com efeito. Uma vez desembaraçado o caminho das velhas tiranias para que formam outras novas? Para que novos governos, representativos ou eleitos? Queremos governar-nos nós mesmos, porque ninguém melhor do que nós pode conhecer os nossos interesses e as nossas necessidades, e não podemos abdicar nas mãos de quem quer que seja a nossa soberania. A liberdade de cada um tem o seu limite na liberdade de todos, e como dizia o grande Condorcet, o homem livre não quer dar nem receber leis.

Numa sociedade bem organizada toda a vida do indivíduo, nas suas relações com ela, se desenvolverá espontaneamente, sem coacções exteriores, pela mesma harmonia de interesses, como em família afecta e sob a base de actos livres, sugeridos pelo verdadeiro sentido humano: um por todos e todos por um.

Garantido assim o bem estar, a segurança da existência sem miséria fará com que os homens sejam bons e tolerantes. A ciência nos conduzirá à verdade, nos levará à concepção da liberdade integral. Ciência e Verdade dirão aos homens que não há motivo para que os povos, grupos e indivíduos se odeiem quando não existir antagonismo de interesses nem a tirania do forte contra o fraco, nem a maldade do mando. Ensinar-lhes-ão que o melhor interesse está em cooperar no interesse de todos os semelhantes, de cuja grande família formaremos parte viva, disfrutando todos os gozos e compartilhando de todas as dores e desventuras.

Enão a Anarquia, palavra tão deturpada, mas que encerra a mais esplêndida concepção filosófica e científica dos nossos tempos; a Anarquia que aos olhos dos devotos da autoridade aparece como o espectro do Apocalypse, estenderá as suas puras e candidas azas sobre a realidade do Amor e os direitos humanos triunfantes, que hoje parecem utopia aos homens de pouca fé e aos defensores do presente estado de desigualdade.

P. G.

Arquivo do enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e de pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6\$00 — Anual 2\$00. Pedidos à administração de «A Batalha».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulada *La hija del verdugo*, de Federica Monteny. Preço, 60c. — Pedidos à administração de A Batalha.

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, á cobrança, de 7\$00.

Pedidos à *Livraria Renascença*, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poetas de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª — Lisboa — Portugal.

Teatro Maria Vitória

Hoje Duas sessões Hoje
às 20,45 e 10,45

com a aparatosa e alegre revista

Reviravolta

Scenários brilhantísimos
Música harmoniosa
Desempenho excelente

TEATROS

MUSICA
CINEMAS

No Coliseu

«O Barbeiro de Sevilha», «Cavalaria Rusticana» e «Palhaços»

Rossini, quando escreveu «O Barbeiro de Sevilha», não calculou, decerto, que a sua verdadeira obra prima, mesmo fora do seu aspecto «búfo», «O Barbeiro de Sevilha» fica na história da musica de todos os tempos, pelo arrôjo da concepção técnica, pela originalidade dos motivos, numa palavra pela sua estranha contextura, até hoje ainda não igualada. E' certo que as grandes concorrencias que costumam caracterizar a interpretação desta ópera, resultam do atractivo grotesco que ela assume em certas passagens e principalmente pelas dificuldades que constituem a execução da partitura na parte do soprano ligeiro. Mas, fora disso, «O Barbeiro de Sevilha» é uma obra inspiradíssima em que a melodia está trabalhada com um lirismo e com uma singeleza notáveis. Nesta récita do Coliseu o nome de Mercedes Capistr foi o pómo de atracção do numeroso público que a ela acorreu.

Não foi iludida a expectativa, porque a distinta artista cantou admiravelmente, tendo arrebatado (arrebatado é o termo) quando na scena da lição de canto interpretou soberbamente a conhecida «Avala da sombra», da ópera de Meyerbeer «Dinorah». Foi uma tempestade de aplausos que interessou nela todo o público, e a da o-mais refractário a palmear. Dos outros artistas salientarei o baixo Friggi no papel de D. Basilio.

Depois do «Barbeiro de Sevilha», tivemos na noite seguinte as popularíssimas óperas «Cavalaria Rusticana» e «Palhaços». Estas duas partituras andam no ouvido de toda a gente. Melodia fácil mas inspirada, qualquer delas justifica muita concorrência. O Coliseu quasi se encheu. Os intérpretes foram disciplinados e tiveram por vezes momentos felizes, tendo sido particularmente distinguido com aplausos o tenor português Alves da Silva, que cantou nos «Palhaços» e o maestro Fernandes Fão que dirigiu as duas partituras. Os corpos nem sempre certos, mormente na «Cavalaria».

Nogueira de BRITO

EDEN

Vai reaparecer a «Mouraria»

A noite de amanhã deve ficar assinalada por duas formidáveis enchenças, no Eden. Para que tal suceda basta saber-se que, pela 1.ª vez, naquele teatro, e em duas sessões, se representa a incomparável ópera «Mouraria», que nessa noite completará 262 representações, sempre realizadas com encontros sucessivos e entre o maior entusiasmo.

A peça será interpretada por toda a «Companhia Almeida Cruz», e também com o concurso de exímios guitarristas que se farão apreciar executando a «Canção Nacional». O Eden, que é um teatro vastíssimo, possui lugares de várias categorias, permitindo esse facto, que os preços dos bilhetes sejam reduzidíssimos. Assim o resolveu a empresa, de forma que os espectadores que vão realizar-se serão proporcionados ao público por preços verdadeiramente populares, o que ainda mais contribuirá para que sejam concorrenciais e decorram entre a maior animação e entusiasmo.

GIMNASIO

E' com a comédia farça «O Perigo Amarelo», que reabre o teatro do Gimnasio, muito brevemente. A nova peça, da autoria de António Lepina, está traduzida por Feliciano Santos e Carlos Ferreira, e os seus ensaios, dirigidos por Gil Ferreira, realizam-se de dia e de noite, com toda a actividade.

COLISEU

Amanhã o «film» «Vinte anos depois»

Amanhã realiza-se no Coliseu dos Recreios a estreia do «film» de arte «Vinte anos depois», continuação da célebre película «Os três mosqueteiros» e como ela extralado do grande romance de Alexandre Dumas, o qual tem uma soberba interpretação dos

EDEN TEATRO

TELEF. N.º 3800

AMANHÃ-AMANHÃ

A 1.ª récita da série de representações, começando com a popular e aclamada opereta

:: MOURARIA ::

QUE JÁ ATINGIU
260 REPRESENTAÇÕES 260

A venda dos bilhetes
para as duas sessões começa hoje

TEATRO NACIONAL

HOJE — HOJE
Despedida da companhia e récita dos camaroteiros com a «reprise» do drama

O Paralítico

PROFAGONISTA:
ALVES DA CUNHA

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... 50c
O sentido em que somos anarquistas..... 50c
A peste religiosa..... 50c
A Liberdade..... 50c
A Internacional (música e letra)..... 30c

Pedidos à A BATALHA
ou no Caiso Sodré, 82

mais consagrados artistas entre os quais figura Henri Rolland conhecido em Lisboa por ter feito parte da companhia Vera Sergine.

As exhibições do sensacional film, que é um grande triunfo da arte cinematográfica, são a preços populares.

FOZ

Interessantes espectáculos

Em dois espectáculos — que começam, o da «matinée» às 3 horas e o da «soirée» às 8,45 — segue a sua carreira a revista «Secretário dos Amantes», que ao Teatro Salão Foz tem levado milhares de pessoas.

O desempenho por toda a Companhia, os cenários, o guarda roupa e os efeitos de luz, formam um conjunto harmonioso. Quer o espectáculo da «matinée», como o da «soirée», principiam pelo «film» em 7 partes, «Rapaz endiabrado», uma das melhores comédias de Gleen Tyrone.

Espectáculos de hoje

TEATROS

Nacional — A's 21 — «O Gebo e a Sombra»

Trindade — A's 21,30 — «O Quebrantor»

São Luís — A's 21,30 — «Bairro Alto»

Politeama — A's 20,30 — Companhia francesa

Variedades — A's 20,30 e 22,30 — «A Sagrada Família»

Avenida — A's 21,30 — «O bom ladrão»

Maria Vitória — A's 20,45 e 22,45 — «Reviravolta»

Coliseu dos Recreios — A's 21,15 — «Rigoletto» (2.º acto) e «Puritinos» (3.º e 4.º acto) — Canções espanholas

Salão Foz — A's 15 e 21 — «Secretário dos amantes»

Joaquim de Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades

CINEMAS

Chiado Terrasse — Todas as noites animatógrafo

Tivoli — Todas as noites animatógrafo

Salão Olimpia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical — Rua dos Condes

Jardim Zoológico — Exposição de animais

Lisboa trágica

Quedas desastrosas

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José deu entrada Francisco dos Santos, de 24 anos, natural de Lisboa, residente no Alto do Varejo, n.º 23, loja, que deu uma queda dum muro no Alto do Varejo, resultando partir a perna direita.

Na enfermaria de Santo Onofre também deu entrada José Luís dos Santos, de 23 anos, natural de Alenquer, trabalhador, que há 30 dias, conduzindo na localidade onde reside uma carroça puxada por bois, caiu, passando-lhe uma roda por cima da perna direita, resultando fracturá-la. Conduzido para o hospital de Alenquer, ali esteve internado até que resolveram enviá-lo para Lisboa, dando ctem entrada no hospital de S. José. O seu estado é satisfatório.

No Banco do hospital de S. José recebeu curativo e recolheu a casa Joaquim Pereira Pinho, de 16 anos, natural de Sobral de Mont'Agrão, residente na rua Garcia da Horta, n.º 59, 4.ª, que deu uma queda na rua S. João da Mata, resultando ficar ferido no joelho direito.

Quando britava pedra

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e recolheu a casa Ernesto Silva, de 23 anos, calceteiro, residente na Calçada da Tapada, barraca E. S., que estando a britar pedra ficou ferido num olho.

Doença súbita

Na enfermaria de S. José deu entrada José António Costa, de 40 anos, residente na rua Marquez da Fronteira, barraca, trabalhador, que foi encontrado, caído por doença, nas terras do Parque Eduardo VII.

Por engano...

Na enfermaria de S. José, do hospital do mesmo nome, deu entrada Manuel Cabo, de 33 anos, moço de armazém, natural de Adoufe, residente na rua José Patrocínio, (Poço do Bispo) Quinta dos Padres, que por engano tomou tinta «Rozene».

Operário queimado

Livraria de **A BATALHA**

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN- | Jorge Teixeira.—Catunos de Luva
CIA E ENSINO | Branca—A Escomalha (peças de

Abel Botoelho — A manha.....	16\$00	teatro)	27\$00
Alexandre Herculano		Juliao Quintinha	8\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	Vishinhos do Mar.....	8\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Cavalgada do Sonho.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Terras de Fogo.....	8\$00
Adolfo Lima		Dor vitoriosa (novela).....	\$25
Contrato do Trabalho.....	10\$00	Laisant — Iniciação matemática.....	5\$00
Educação e ensino.....	5\$00	Malvert — Silência e Religião.....	10\$00
O ensino da história.....	1\$50	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	\$25
		Anastácio José (idem).....	\$25
		Manuel Ribeiro	
		Rodrigues (artigo) (novela).....	

Aquillino Ribeiro		Mirbeau—O Jardim dos Supplices.	450\$
Anatólio France	3500	Nequeira de Brito	
Estrada de São Tiago	10500	1—Memórias de Angela Pinto	15500
Jordim das Tormentas	10500	Sangue Fidalgo (novela)	\$22
Via Siwausa	10500	Não, diz a Lei (novela)	\$22
As Filhas da Babilônia	10500	Pargame—Origem da vida	850\$
Terras do Demo	10500	Oliveira Martins	
Augusto Machado—Impossível re- denção (novela)	\$25	Helelismo e a Civilização Criati	1500
Augusto da Sousa—Fólias perdidas (fados)		História da Civilização Ibérica	15000
Bento Faria—Missão nova (teatro em verso)	10500	História da República Romana (2 volumes)	3050\$
		História da República Romana (2 vol.)	3050\$
		Princ. Etnogen. (2 vol.)	3050\$

Binet-Sanglè—A loucura de Jesus.....	4\$00	Raças Humanas (2 vols.).....	3\$00
Buckner, — O homem segundo a ciência.....	12\$00	O Brasil e as Colônias Portuguesas	15\$00
Charles Darwin—Origem das espécies.....	14\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
		Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15\$00

Campos Lima	14\$00	Grande Marçal	6\$00
O Estado e a evolução do Direito	12\$00	Águas claras	1\$00
O Amor e a Vida	5\$00	Imagens de Sôno	1\$00
Cena do Pólvora	2\$00	Raul Brandão	
		Os Pescadores	10\$00

Cena dos Pobres.....	2000	Os Pobres.....	1050
A Revolução em Portugal.....	6000	O Teatro.....	850
Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela).....	\$25	Spencer—Da Educação (br. 5000) encoberto	655
Duarte Lopes.—Frei Sangue.....	5500	Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	\$2

Eça de Queiroz		Tolstoi.—A sonata de Kreutzer.....	480
O crime do Padre Amaro.....	18\$00	Tua Karenine (3 vol.).....	15\$00
O primo Basílio.....	15\$00	Toufouse.—Como se deve educar o	
O Mandarim.....	8\$00	espírito.....	480
Os Maias (2 vol.).....	28\$00	Wenceslau de Moraes	

A Reliquia.....	15500	Dai Nippon.....	12500
A Cidade e as Serras.....	12800	Victor Hugo.....	10500
Frade Mendes.....	9800	França e Belgica.....	10500
Casa Ramires.....	15500	O Reto (2 v.).....	15500
		O Mineraes (2 tomos).....	

Prosas Bárbaras.....	10\$00	Os Miseráveis (2 grossos vol.) nas	
Ecos de Paris.....	9\$00	frados, encadernados.....	40\$00
Cartas Familiares.....	9\$00	Zola	
Certas de Inglaterra.....	9\$00	A Taberna.....	12\$00
Minas de Salomão.....	9\$00	Tereza Raquin.....	5\$00
		Alegria de viver (2 vol.).....	8\$00

Notas Contemporâneas.....	15\$00	A conquista de Passans, (2 vol.)	8\$00
Ultimas páginas.....	15\$00	Fecundidade.....	20\$00
Contos.....	15\$00	A fortuna dos Rougons, (2 vol.)..	8\$00
Ernesto Haecel		Uma página de amor.....	9\$00
História da Crisologia.....	20\$00	Os Porcellos.....	10\$00

Origem do Homem.....	20800	Dr. Pascal.....	8800
Os enigmas do Universo.....	5800	FOLHETOS	
Monismo.....	14500	Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja.....	1500
Religião e evolução.....	4800	A Evolução legal e a anarquia.....	3000
	6800	Gonçalves Correia — A Felicidade de.....	

As maravilhas da vida.....	14\$00	todos os seres da Sociedade.....	
Faqet. — Iniciação filosófica.....	5\$00	Futura.....	\$5
Iniciação literaria.....	10\$30	José Prat. — A burguesia e o prolet.....	\$5
Faria de Vasconcelos.....		variado.....	\$5
Problemas escolares.....	5\$00	A necessidade da Associação.....	\$5

Por terras de além mar.....	500	Contem. — Contra o confusãoismo.	\$
Ferreira de Castro		Alfredo Neves Dias. — Razão (poema- to social).....	\$
Sangue Negro.....	250	Ernesto da Silva. — Teatro livre : Arte Social.....	\$
Sondas de Lirismo e de Amor... 500			
A Peregrina do Mundo Novo... 650			

F. Castro e E. Frias - A Boca da Es...	500	Landauer, - Social Democracia....	500
Flammarion.....	500	R. Mela, - O principio do fim....	500
Iniciação astronômica.....	500	... A maçonaria e o proletariado....	500
		J. Most, - Peste religiosa.....	500
		João P. do Rio.....	500

Contos de luar.....	5\$00	Definições sociais.....	5\$00
Como acabará o mundo?.....	7\$00	Horas enárquicas (versos).....	5\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	Trovas da Noite.....	1\$00
Felix le Dantec. — As influências an- cestrais.....	10\$00	Roberto, o pescador.....	1\$00
		Memórias do Parque de São João.....	1\$00

Fialho de Almeida		de Forte	150
Lisboa Galante	10500	— Carnet de Pensamento	50
Estâncias de Arte e Saúde	9500	L.Bakunine. — O sentido em que	
Figuras de destaque	9500	mos anarquistas	50
Actores e Actrices	9000	Chueca. — Carnet	

Contos.....	9500	Como não ser anarquista.....	\$
A Esquina.....	9500	Lazare. — A Liberdade.....	\$
Aves Migradoras.....	9500	B. Etrivant. — A minha defesa.....	\$
Barbear, Pentear.....	9500	J. Kropotkin.....	
Cartões, Mini.....	9500	Os bastidores da guerra.....	\$
		Usando a máquina.....	

Cidade do Vício.....	9500	Moral anarquista.....	9500
Pasquinadas.....	10500	O espírito revolucionário.....	9500
País das Uvas.....	9500	O estado e o seu papel histórico.....	10500
Saibam quantos.....	9500	J. Guedes. — Lei dos Salários.....	9500
Vida errante.....	9500	Briand. — A greve geral.....	9500

Vida íronica.....	950	Roland. — Rússia Nova.....	950
Guerra-lunheiro. — A morte de D. João	10500	... O sindicalismo e os intelectuais	950
Musa em férias.....	9500	D. Carvalho. — A gestão sindical no	950
Os Simples.....	7500	período revolucionário.....	950
A velhice do Padre Eterno (En		A. Hamon. — A crise do socialismo	950

cadernação de luxo).....	14\$00	J. Santos. — A transformação da	
Brochado.....	10\$00	sociedade.....	\$
Gorki. — Os Degenerados.....	4\$00	Neno Vasco	
Os Vagabundos.....	4\$00	Georgicas.....	\$
U. de Países.....	2\$00	Greve de inquilinos, teatro.....	1

Na prisão.....	2900	... Proletariado Histórico.....	1900
Ibsen.—Especimens.....	4800	G. Archinof.—A Revolução so-	
Casa de bonecas.....	5500	cial e o Sindicalismo.....	\$
Jacquinet.—História Universal, 2 v.	10500	Carlos Rates.—Aditadura do pro-	
Jaime Cortezão.—Adão e Eva (te-			

5000	Emílio Chapelier — Porque não creio em Deus...	15
\$25	Rodolfo Rocker... Os sindicalismo revoluc. e a organização operária	15
\$25		

contribuições, todos modelos, Este é para as Universidades. E entregou a, don... conferente rôlo a um lente que o fez circular pelo salão.—Este

—exclamaram vários.
—ajui o ministro, atam-

—Não há necessidade de pedir crédito ao Tesouro — continuação de la Escosura — nem novos tributos

contribuinte. As minhas reformas cabem dentro dos orçamentos actuaes, e de todos os futuros orçamentos.

— Vejamos, vejamos o milagre! — gritaram vários.

— Enrolar Modêlos — disse Luis — as Colónias

terminar o ministro. Agrícolas, os Asilos de Artes e Ofícios, material m-
plausos e tantas pala- moderno em matéria de ensino, podem obter-se
que foi notado pelo seguinte modo: O Ministério de Instrução Públi-

Escurosa—disse—está expô-lo com a sua cabeça, com a sua nitida e

com a sua maldade quando lhe aprouver, minha última palavra

—Correria igualmente por conta da mesma Direcção a cobrança de matriculas—juntou Luís, sem fazer caso dos protestos.

Outro acrescentou, com gestos descompostos:

— Assim se prejudica o professorado sem que recomece qualquer beneficio!—ajuntou outro lente, em ig-

—Acaso o Estado não lhes paga?—pregun-
Luis, admirado.
—Paga-nos pouco!—retorquiu outro sábio—e o p-
do de algumas centenas e a cessação do ordenado

vejam V.V. Ex.^{as} os duto dos livros compense e escassez de ordenação

A BATALHA

A guerra e a conquista não podem ser vantajosas à comunidade. Tendem a elevar um pequeno número à custa dos outros e por consequência nunca serão empreendidas se não onde a massa for instrumento da minoria. — W. GODWIN



NO REGIME CAPITALISTA

A crise de trabalho na indústria de carnes húngara

BUDAPESTE, Abril.—Os operários que se empregam nos matadouros, nas chacinarias, nas empresas de fumados e corados e nas fábricas de conservas de carnes, agrupam-se numa Federação de indústria das carnes. Apesar das más condições sociais, esta Federação obteve alguns triunfos na sua acção sindical. O operariado, porém, mantém-se em completa indiferença, parecendo resignado com a sua má existência económica.

No decurso dos últimos anos, as condições de trabalho dos operários das indústrias de carnes agravaram-se consideravelmente. O número de desempregados, só em Budapeste, vai de 300 a 400 e na província gira em volta de 90 por cento.

As diligências para atenuar a crise têm sido infructíferas. O mal reside na própria constituição do sistema capitalista, embora os chefes reformistas entendam ser única causa a diminuição de consumo da carne, por sua vez, causada pela miséria das classes trabalhadoras.

Os salários não têm progredido, apesar de várias melhorias nas empresas industriais da capital. Entretanto, os sindicatos da indústria lutam por obter o descanso semanal, que ainda é reivindicado nesta classe tão perseguida. Em Budapeste, o descanso semanal é quase geral, mas, nas províncias, os ataques do patronato têm anulado a regalia.

O governo publicou uma lei que proíbe o trabalho nocturno, mas os patrões não a respeitam e, como de costume, a inspecção do trabalho é muito indulgente para com os patrões. A vigilância da Federação pelo cumprimento da lei nenhum resultado dá, tanto mais que as autoridades sabotam toda a fiscalização.

A actividade «revolucionária» da Federação resume-se na distribuição de sopas aos desempregados e ao pagamento de subsídios de renda de casa.

INFORMAÇÃO TELEGRAFICA

A ofensiva patronal em Inglaterra

Os trabalhadores fazem da luta de classes uma questão política

LONDRES, 3.—A sessão de ontem na câmara dos comuns terminou tumultuosamente. Os deputados trabalhistas atacaram violentamente a maioria e o governo, trocando-se apóstrofes pouco parlamentares entre as bancadas da direita, centro e da esquerda.

Durante os debates sob o projecto das associações de classe, os socialistas provocaram tumultos que por vezes abafaram a voz do orador Mr. Jack Jones pelo que foram expulsos alguns deles e avisados os restantes de que se não mantivessem na ordem se procederia igualmente para com eles. — (L.)

A gestão capitalista

A conferência económica internacional

GENEVA, 3.—Está tudo preparado para a abertura da conferência económica que terá lugar amanhã. Os delegados russos disseram que a sua presença em nada altera as relações do gabinete russo com a Liga das Nações, mas tão somente participam dela para não dar ensejo ao capitalismo de dizer que uma vez a improvidência da conferência, ela seria devida à abstenção do governo dos soviéticos. — (L.)

Manias rendosas

LONDRES, 3.—Foi vendido na segunda feira um artístico selo de oito dinheiros usado da edição de 1857-1859, por 51 libras, cujo preço excedeu em 50 libras o previsto no catálogo. — (L.)

O monopólio das comunicações

LA PAZ, 3.—Foi celebrado entre o governo boliviano e a Companhia Marconi o contrato que atribue a esta companhia o estabelecimento naquele país de telegrafia sem fios. — (L.)

O negócio do álcool

OSLO, 3.—Em virtude de, depois de 10 anos de proibição, ter sido hoje permitida a venda de bebidas alcoólicas, tem havido verdadeiras enchentes nas casas de bebidas. — (L.)

O dinheiro do estado

OTTAWA, 3.—As receitas do estado do Canadá referentes ao ano económico que findou em 31 de Março montaram um total de 383.669.000 dollars, o que dá uma diferença para mais de 15.808.000 sobre as do ano transacto, contra a despesa ordinária de 297.961.000. — (L.)

Um correio aéreo

SANTIAGO DO CHILE, 3.—O governo chileno inaugurou ontem o serviço postal aéreo entre Santiago e Val Paraiso. — (L.)

Serviços rádio-telegráficos

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi inaugura hoje, oficialmente, às 16,30 horas, no edifício da sua sede, rua de São Julião, 131, os serviços rádio-telegráficos com Cabo Verde, Angola, Moçambique e América do Sul.

O ABASTECIMENTO

ÁGUAS À CIDADE

O vereador do pelouro de higiene sr. Quirino da Fonseca realiza hoje, pelas 22 horas, nos Paços do Concelho, uma conferência sobre o abastecimento de águas à cidade, de contradição à efectuada há dias na Sociedade de Geografia pelo director-delegado da Companhia das Águas, Carlos Pereira.

Salão de Festas do Sindicato da Construção Civil

É no próximo domingo 8, pelas 21 horas, que se realiza neste salão a festa de homenagem a José d'Almeida, ensaiador do Grupo Dramático Solidariedade Operária. Sobre a cena pela primeira vez o drama em 4 actos «João José».

POR TERRAS DO MONDEGO

O preâmbulo de uma exposição sobre as roças de Coimbra

Dicidimo-nos a focar nas colunas de A Batalha, em escritos sucessivos, a série interminável das escandalosas explorações de que os operários estão sendo vítimas nesta cidade, pela rapacidade comercial e industrial, e, de certo modo, devido à sua nenhuma resistência e pouca organização.

Este escrito é o preâmbulo da série que vamos iniciar, e aparece como o único intuito de para os que lhe vão suceder chamar a atenção dos interessados, para que dos factos tomem conhecimento e se decidam a combatê-los.

Pelos olhos dos leitores de A Batalha irá, portanto, perpassar uma flagrante película que não é fita hilarante, mas um verdadeiro filme de tragédia feito das dores dos escravos, cheio de sofrimento porletário e originário na exploração capitalista.

Iremos trespassar para a publicidade todos os casos de escravidão que aqui são inúmeros, e tudo revolveremos para que nenhum se escape à nossa observação. É possível que tenhamos de fugir quem por causas análogas em dias passados já foi flagelado, mas mesmo o êxito não tocaremos as coisas idas, visto que pelo presente temos de sobejo com os amargos e o pelourinho da ignomínia, e de mais para concitar a execração popular.

Coimbra não é cidade muito grande, mas com abundância nos fornece assunto para uma boa meia dúzia de crónicas em que relatamos todos os casos de exploração e latrocínio que aqui se evidenciam.

Situada no centro do país, e a despeito dos orgulhosos dizeres dos civilizados, não passa dum fiel cópia dos sertões africanos, com as suas roças, com os seus régulos e os seus escravos.

Vista através do prisma da escravidão, Coimbra é até muito superior a muitas outras terras, e esforça-se por a todas levar a palma. Nada lhe falta do que caracteriza as terras incivilizadas e precisamente, como os povos das regiões mais ignorantes, tem os seus «fetiches», os seus «manipancos», em honra de quem faz todos os sacrifícios e em holocausto dos quais realiza todo o comércio de carne e sangue humanos que aviltam e de opróbrio cobre a época presente em que os homens já andam de mãos pelo ar.

Não nos calaremos de gritar as infâmias que aqui se comtem com o maior dos deslizes dia a dia, e assim como seremos inflexíveis para os verdugos, de igual modo seremos inexoráveis para as vítimas que tudo em silêncio sofrem, e nem sequer sua legítima revolta sabem esboçar, conjugando os dispersos esforços e forjando a emancipação.

A par da tremenda canalice dos exploradores, existe a grande miséria moral dos explorados, dos que sofrem as prepotências imersos no mais condenável mutismo, que instiga incessantemente ao redobro de violência na tirania patronal e estimula os verdugos capitalistas no prosseguimento da abolição das regalias operárias, ainda as mais mesquinhas.

Trataremos os múltiplos casos de escravidão sob este duplo aspecto e ao mesmo tempo que elucidaremos o leitor do martírio que aqui representa a existência dos que produtivamente trabalham, iremos a estes apontando o que urge fazer para se eximirem do sofrimento que os avassala, e instigando-os a oferecerem séria resistência às arremetidas dos seus algozes.

Vamos ter ocasião de evidenciar como a escravidão ainda subsiste na nossa época — no falaz século das luzes — e com o maior cuidado ilustraremos quanto dissermos, mostrando a realidade das hodiernas roças e traçando perfis dos contemporâneos «sobas».

E paralelamente a esta tarefa não deixaremos ficar na penumbra a descrição dos instrumentos de suplício que são os mesmos de tempos passados, embora um pouco postos à época, actualizados.

As algemas e as gargalheiras emparceirão com os chicotes e com os «knuts» ao lado dos cavalos marinhos e as suas afrontosas aplicações, bem como os insultos e rasteiras ofensas que são o «pão nosso» dos que mourejam cotidianamente, e o prêmio dos porfiados esforços dos que se tuberculizam a amontoar o indispensável para a manutenção parasitária dos verdugos.

Há muita infâmia que passa despercebida aos olhos dos que a não sofrem e que por essa mesma razão vai ser passada à ficção da nossa crítica humanista, que faremos só com o fito de defendermos os oprimidos e de ao lado deles nos colocarmos a compartilhar de suas dores e a interpretar os com sentimento o espírito da rebeldia que a fpuoco e pouco se vai infiltrando na falange dos descontentes.

As fábricas, as oficinas, os estabelecimentos comerciais e todos os outros lugares onde se exerce a exploração capitalista, num sugamento contínuo do sangue já de pauperado dos assalariados, têm todos o mesmo aspecto de lugares de inquisição onde com as mais severas disciplinas se retalham as carnes dos forçados que em nome das absurdas justificações divinas e terrestres continuam jungindo a canga da sujeição.

Vão, enfim, ser apontados todos os carceres que aqui se comprazem em fazer sofrer os outros e que nas oficinas se não camam de exercer autoridade despótica e cometer inqualificáveis violências.

A CAVALGADA DO IDEAL

Nada deterá a sua marcha para a Terra de Promissão

A cavalgada do Ideal passa. Os cavaleiros vão vergados pelo sofrimento. Deixam um rasto de sangue pelas veredas difíceis que os levam à região do Sonho e da Felicidade.

A cavalgada vai batida dum vendaval de Egoísmo, que sopra num ódio de morte a todos aqueles que são, cheios de fé e de entusiasmo, páldios, sonhadores, à conquista dum Mundo Novo, dum Era melhor para todos.

O Egoísmo, rugidor, persegue, num ciclone doido de extermínio, os cavaleiros, que transportam e agitam aos ventos flâmulas rubras de ideais de renovação e de equilíbrio social.

Mas os corajosos e desinteressados cavaleiros, os Mártires e propulsores do Progresso, os abnegados gladiadores pela Felicidade para todos os seres, indiferentes à cólera do Egoísmo, vão trilhando sempre o áspero caminho que os conduz à Terra desejada.

Eles, os cavaleiros que vão em perseguição dum Ideal de Perfeição, de Amor, de Paz, não desanimam. Seguem sempre, agitando sem desânimo as tremulantes bandeiras de seus sublimes e redentores princípios, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo ardor, do começo.

Nem os abrolhos, nem as pedras erigidas do caminho, os fazem deter um momento e largar o gládio com que vão à conquista da Verdade e da Justiça.

Ao contrário, as dificuldades acicatam cada vez mais a sua perseverança. E que eles não duvidam que para além do deserto, no fim da estrada pedregosa que pisam, fica a Terra da Promissão. E que eles sabem que, mau grado os egoístas e os tímidos, o Progresso é um carro sem travão, que nenhum potentado ou preconceito poderá fazer parar.

A frase de Pelletan — «Le monde marche» — é a sua divisa.

Eles sabem que, ao fim de tanta canseira, e após terem caído, exaustos, tantos companheiros, não de chegar.

As prisões, as perseguições, as fomes, as sedes, não os fazem retrogradar.

Experimentaram já, por longos anos as massmoras infectas, que a luz não habita.

Sofrem tudo com alívio. Proclamaram que de cárcere são dignos só os homens de carácter — os homens verdadeiramente homens, aqueles cuja cabeça não realiza simplesmente a missão dum banalíssimo cabide. As prisões que sofrem entusiasmas-nos, e o número delas constitui sua altiva heráldica.

Provaram já a algidez das minas subterâneas e os calores asfixiantes dos desertos. Comeram muitas vezes o pão amargo do exílio. Padeceram torturas, fomes, febres, insultos e até escarros.

Mas eles, os cavaleiros do Ideal, estoicamente, serenamente clamam que todo o apóstolo tem o seu Calvário e que só ama uma Causa e é digno dela o homem que por ela sofre.

Aqueles que defenderam um Ideal com alívio e dessa defesa mais não receberam como benesses do que sofrimentos e perseguições — esses, disseram, eles, são os Homens, esses são os que conquistam direito à clausura, à clausura que enaltece os cavaleiros do Ideal, e lhes dá os perseguidores da nobreza revolucionária.

Eles, os estoicos, os rebeldes, os ativos, os eternamente insubmissos, não se queixam. Caminham sempre, tranquilos, na sua dura marcha, desfrutando ao vento o lábio rubro das justas e humanas reivindicações e revoltando o seu gládio que a dextra empunha.

Ao longo do caminho depaeram-se lhas, de joelhos no chão e mãos erguidas ao firmamento, a rezar numa atitude de imbecilidade, algumas centenas de pessoas.

E os cavaleiros do Ideal, ao abrir caminho por entre essa multidão de criaturas curvadas numa humidade canina, gritam: — «Afastai-vos, covardes, que pretendes com vossas rezas embargar-nos o passo! Afastai-vos, corte de pobres-de-espírito, que pedis, em lamuriosos cânticos, o Céu, o Céu que ninguém viu, o Céu que ninguém vê!»

Nós também queremos o Céu, mas outro Céu, diferente do vosso! Um Céu cá na Terra, construído por nós! Vamos em demanda do local onde o edificaremos!

«Para vós, entes mesquinhos e rasteiros — o Céu, o Céu dos pobres-de-espírito, dos humildes, dos escravos! Não reivindicamos, orgulhosamente, para nós, o inferno escaldante dos desertos — para além do qual fica a Terra da Promissão, onde vamos a erguer o Novo Mundo!»

Afastai-vos, escravos!

E eles seguem, oventes, plenos de fé e de intrepidez, os cavaleiros da cavalgada fantástica do Ideal.

Vão satisfeitos com as agruras e as vicissitudes que padecem.

«A Liberdade, assim como a Verdade e a Justiça, são grandes precisamente porque representam a dor desgastada pelos maiores sacrifícios» — disse um dia um Homem, e eles repetem.

Vêm agora opor-se à sua marcha esquadões de polícia. E eles, os cavaleiros do Ideal, estoicamente, falam-lhes, assim: — «Não nos fareis desistir! Podeis aprisionar-nos! Recomendaremos depois! Nós somos os continuadores da marcha que encetaram nossos avós, que morreram pela Verdade contra a Mentira, pela Liberdade contra a Tirania, pelo progresso contra a Rotina! Somos os descendentes daqueles mártires que se chamaram: Sócrates, Espártaco, Cristo, Giordano Bruno, Arnaldo de Brescia, Galileu, Lutero, João Huss, Jerónimo de Praga, Pedro Ramus, Luís Michel, Kropotkin, Tolstói, Ferrer, Bakunine, e de tantos outros gigantes que deram o seu sangue pela Humanidade, de tantos que se tornaram dignos do respeito das multidões que os evocam e os glorificam nos bronzes das praças públicas e nos bronzes augustos dos seus corações!»

Vós sois os netos dos algozes cujos nomes ninguém hoje recorda! Prendei-nos! As grades da prisão honram-se com a nossa presença! Só nós somos dignos delas! Prendei-nos!

Confundidos com a altivez e o estoicismo dos cavaleiros, os esquadões afastam-se. E a cavalgada do Ideal põe-se de novo em marcha para a Terra Prometida.

Nada a deterá!

Coimbra, Abril de 1927.

André OMAR

Sobre organização

A ciência e o nosso Ideal

Analisando as sociedades, vemos que o regime autoritário tem perdido e perde constantemente forças e a sua acção limita-se, restringe-se cada vez mais, e que a par dessa atrofia, dessa fraqueza, dessa morte cheia de desespero, aumenta progressivamente e aproxima-se cada vez mais a organização social baseada na livre contradição dos indivíduos nascidos nas circunstâncias sociológicas do momento e do espaço, em que a intervenção estranha, autoritária, é nula ou se anula.

Debaixo da vida política artificial, que forma por assim dizer o aspecto externo, o involucre das sociedades, e cujo tumultuar, por conseguinte, se torna mais saliente, mais notado, chegando erroneamente a confundir-se a parie superficial com o todo, c.m.o. o substratum das sociedades — há um residuo social, uma parte fundamental, que constitui a própria essência das sociedades e que organizada naturalmente, sem a menor intervenção de qualquer autoridade, caminha sempre, arranja a sua vida e progride através de todos os obstáculos, e independentemente, e, ali, às vezes, contraditoriamente à engrenagem da política autoritária e oficial.

Em todas as sociedades podemos observar esse dualismo, essas duas vidas, tão diversas e às vezes, se não sempre, tão antagónicas — uma vida política ainda hoje artificial, carecendo da força, da violência para se impor, consubstanciando-se na autoridade, constituída e formando um involucre, uma máscara, com que as sociedades se transformam em Estados — e outra, a vida profunda, natural, intuitiva, honesta e trabalhadora, nascida das circunstâncias e das condições permanentes da existência social, que se efectiva e se realiza por si mesma, espontaneamente, por uma série de mutuos contratos e acordos e através de todos os obstáculos, de todas as perturbações, que muitas vezes lhe lança e lhe causa a insânia dos políticos.

Observe-se qualquer sociedade, nomeadamente a portuguesa, e ver-se-á como é diversa, felizmente, a actividade da vida social do povo e a actividade superficial da política empirica.

Se não houvesse esse fundo permanente e indelével, essa organização das sociedades que poderemos com rigor chamar libertária, visto que nela não intervém nenhuma espécie de autoridade, Portugal poderia ter resistido, e, o que é mais, poderia ter progredido com essa desorganização que para si se organizou e se arrastava vergonhosamente à custa de todos os servilismos e traições, de todas as baixezas e inoralidades, e que se chamou e se chama política (?) portuguesa?

Em todas as sociedades, em todos os tempos, há, pois, um residuo social que escapa à acção autoritária, que é essencialmente anárquico. Esse residuo, que é e tem sido o fundamento natural e espontâneo de todas as sociedades, avoluma, cresce, e cada vez se impõe mais, cada vez mais se alarga e se aprofunda nas sociedades em detracto do Poderes, do Autoritarismo.

O que era um poder, uma força, tem sido convertido numa função desempenhada por órgãos espectais, espontaneamente criados pelas necessidades.

Ao contrário dos outros ideais, formulados sem previa verificação e correcção científicas, e que temem o progresso e a expansão da ciência, nós queremos a máxima e a mais elevada cultura científica, porquanto a ciência e o nosso Ideal se consubstanciam na Ideia. Não recamos a ciência, o saber, os cérebros esclarecidos e emancipados. O nosso maior inimigo é a ignorância, e o que mais tememos são os cérebros embrutecidos e os caracteres aviltados.

Toda a verdade derramada, toda a lei ou princípio científico propagado é mais um degrau, é mais uma pedra no edifício da Ideia.

O sábio que, sem preconceitos, ensina a Verdade, que descobre uma lei científica, que apresenta um princípio científico — contribui para a libertação humana, é um libertário.

Todo o ser humano sincero, consciente e praticamente livre é um libertário, como todo o libertário é um ente humano sincero, consciente e praticamente livre. Nunca se impõe; convence! E quando não convence, não vence!

Não tememos a ciência! Fundados nela, alimentados por ela, para e por ela caminhamos confiadamente, para ela e por ela caminhamos para a Ideia!

Nada de mais positivo, nada de menos utópico!

(Continua)

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA
Manuel Pratas de Sousa e António Costa Santos — Compareçam hoje, na sede da Federação, pelas 20 horas, sem falta.

Solidariedade

Por Manuel Patrão foi entregue a Joaquim Melra, que se encontra doente, a quantia de 55800, produto de uma quete aberta nas obras do novo manicómio.

No salão de festas da Construção Civil, realiza-se no próximo sábado, pelas 21 horas, uma festa de auxílio aos operários José Simões, Gregório Martins, Bernardino Pires e José Fernandes, sinistrados no desastre da Escola Machado de Castro. Nesta festa toma parte o grupo dramático «Os 4177» que desempenhará o drama em 3 actos «Sombrias e Luzes» e a comédia num acto «Um inimigo das mulheres».

Os bilhetes que restam podem ser procurados na Secção dos Pedreiros ou no contínuo da sede.

1.º de Maio e a organização operária

Em Tortosendo

De conformidade com as resoluções da organização confederada não se realizou em Tortosendo a comemoração do 1.º de Maio. — C.

Em Oeiras

OEIRAS, 2.—Ao contrário dos anos anteriores não se constatou neste 1.º de Maio a passagem de flâmbricas, nem se ouviu o estralar de foguetes.

Em conformidade com as decisões da organização operária, não se efectuaram comícios e sessões de propaganda.

CRONICA DO ESTRANGEIRO

A inundaçao do Mississipi

O perigo afasta-se de Nova Orleães

O nível das águas está baixando

NOVA YORK, 3.—Os diques do Mississipi foram ontem rebenatados em três pontos em frente de Vidalia.

As águas ameaçam agora inundar nove extensíssimas herdades da Louisiana, cuja população é de 140.000 almas.

O ruído das águas houve-se a algumas milhas de distância.

Em Nova-Orleães o nível do rio tem descido cerca de duas polegadas, a partir das gigantescas passagens praticadas nos diques situadas em frente da cidade. — (L.)

Pequenas notícias

BERLIN, 3.—Alguns jornais desta cidade e de Paris dizem que a Alemanha dirigirá hoje uma nova nota ao governo francês para que seja aliviada a pressão no Reno, reduzindo o número das tropas de ocupação, mas, talvez, seja adiada esta diligência por motivo de não se encontrar em Paris o sr. Briand. — (L.)

ATENAS, 3.—O presidente Condouriotis declarou no parlamento que o governo não resignaria já e que está esperançado em levar o governo a fazer a revisão constitucional este mês. — (L.)

LONDRES, 3.—Foi recebido o primeiro donativo—205 libras—do «Knights of Round Table of America» para a subscrição destinada às despesas com as escavações em Monmouthshire para a descoberta de Caerleon, a casa do rei Artur.

LONDRES, 3.—No mês de Abril a media das chuvas na Inglaterra foi de 1 e meio em vez de 4 quintos, como era usual sendo, portanto, o ano mais seco desde 1914. — (L.)

FESTAS ASSOCIATIVAS

A Secção Profissional dos Pedreiros comemorou a fundação da respectiva Associação de Classe

Realizou-se no sábado 30 de Abril a festa comemorativa do 30.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Pedreiros, que actualmente constitui uma célula do Sindicato Único da Construção Civil, ao qual aderiu por deliberação do Congresso Corporativo realizado em 1919 na cidade de Coimbra.

O vasto salão da Construção Civil encheu-se de pedreiros e assistentes, predominando o elemento feminino.

Presidiu Marcelino da Silva, secretário da Secção Sindical de Belem, e Daniel Francisco, da Secção Profissional dos Canteiros.

Aberta a sessão às 21 horas e trinta, o presidente da mesa leu saudações recebidas do Sindicato, da Secção de Palma, Belem e Serventes, proferindo em seguida um pequeno discurso alusivo ao acto, no qual foca os principais factos que têm determinado a desagregação da classe.

João Caldeira segue-se no uso da palavra: Não vai fazer a história do que foi a Associação de Classe dos Pedreiros a que tem a honra de pertencer porque a hora adiantada lho não permite, mas procurará lembrar factos que entre si sirvam os bons exemplos a seguir.

Refere-se aos primeiros sintomas de associativismo no nosso país, aos esforços dispendidos para organizar a Associação e a luta que foi necessário manter para abolir o regime do trabalho do nasear ao pôr do sol. Cita passagens de actividade colectiva doutros tempos, que foram fortemente aplaudidas pela assembleia, e diz crer que a confiança um pouco abalada hoje, voltará com mais vigor ainda dentro em pouco, bastando que para isso todos queiram contribuir.

Marcelino da Silva comunica que a Direcção está empenhada num trabalho de rejuvenescimento colectivo, a que não é lícito negar o indispensável apoio.

Conhece as dificuldades a vencer, o trabalho árduo a realizar, e os poucos elementos de que dispõe, mas convenceido de que são as minorias com ideal que estão reservadas o triunfo, porque a história o diz e os próprios factos o confirmam, está certo de que conseguirá reorganizar a classe em condições de poder defender-se convenientemente. Pede que uma atmosfera de mútua confiança se restabeleça, sem a qual nenhum trabalho se pode realizar com probabilidades de êxito. Em seguida encerrou-se a sessão, seguindo-se a representação do drama em 4 actos «Os Frutos da Sociedade», escrita por um camarada pedreiro e desempenhada por Manuel Pereira, Marta, (autor), Emílio Cunha, Jorge Mateus, Leonel Salvata, João Polido, Alberto Rodrigues, Adelino Coelho, Jorge Ramos, Elvira Costa, Rafael dos Santos, Artur Machado e Leonel Tavares, do Grupo Dramático 8 de Abril. Abrilhantou o espectáculo o grupo musical «Os Bichinhos».

Referre-se aos primeiros sintomas de associativismo no nosso país, aos esforços dispendidos para organizar a Associação e a luta que foi necessário manter para abolir o regime do trabalho do nasear ao pôr do sol. Cita passagens de actividade colectiva doutros tempos, que foram fortemente aplaudidas pela assembleia, e diz crer que a confiança um pouco abalada hoje, voltará com mais vigor ainda dentro em pouco, bastando que para isso todos queiram contribuir.

Marcelino da Silva comunica que a Direcção está empenhada num trabalho de rejuvenescimento colectivo, a que não é lícito negar o indispensável apoio.

Conhece as dificuldades a vencer, o trabalho árduo a realizar, e os poucos elementos de que dispõe, mas convenceido de que são as minorias com ideal que estão reservadas o triunfo, porque a história o diz e os próprios factos o confirmam, está certo de que conseguirá reorganizar a classe em condições de poder defender-se convenientemente. Pede que uma atmosfera de mútua confiança se restabeleça, sem a qual nenhum trabalho se pode realizar com probabilidades de êxito. Em seguida encerrou-se a sessão, seguindo-se a representação do drama em 4 actos «Os Frutos da Sociedade», escrita por um camarada pedreiro e desempenhada por Manuel Pereira, Marta, (autor), Emílio Cunha, Jorge Mateus, Leonel Salvata, João Polido, Alberto Rodrigues, Adelino Coelho, Jorge Ramos, Elvira Costa, Rafael dos Santos, Artur Machado e Leonel Tavares, do Grupo Dramático 8 de Abril. Abrilhantou o espectáculo o grupo musical «Os Bichinhos».

Referre-se aos primeiros sintomas de associativismo no nosso país, aos esforços dispendidos para organizar a Associação e a luta que foi necessário manter para abolir o regime do trabalho do nasear ao pôr do sol. Cita passagens de actividade colectiva doutros tempos, que foram fortemente aplaudidas pela assembleia, e diz crer que a confiança um pouco abalada hoje, voltará com mais vigor ainda dentro em pouco, bastando que para isso todos queiram contribuir.

Marcelino da Silva comunica que a Direcção está empenhada num trabalho de rejuvenescimento colectivo, a que não é lícito negar o indispensável apoio.

Conhece as dificuldades a vencer, o trabalho árduo a realizar, e os poucos elementos de que dispõe, mas convenceido de que são as minorias com ideal que estão reservadas o triunfo, porque a história o diz e os próprios factos o confirmam, está certo de que conseguirá reorganizar a classe em condições de poder defender-se convenientemente. Pede que uma atmosfera de mútua confiança se restabeleça, sem a qual nenhum trabalho se pode realizar com probabilidades de êxito. Em seguida encerrou-se a sessão, seguindo-se a representação do drama em 4 actos «Os Frutos da Sociedade», escrita por um camarada pedreiro e desempenhada por Manuel Pereira, Marta, (autor), Emílio Cunha, Jorge Mateus, Leonel Salvata, João Polido, Alberto Rodrigues, Adelino Coelho, Jorge Ramos, Elvira Costa, Rafael dos Santos, Artur Machado e Leonel Tavares, do Grupo Dramático 8 de Abril. Abrilhantou o espectáculo o grupo musical «Os Bichinhos».

Referre-se aos primeiros sintomas de associativismo no nosso país, aos esforços dispendidos para organizar a Associação e a luta que foi necessário manter para abolir o regime do trabalho do nasear ao pôr do sol. Cita passagens de actividade colectiva doutros tempos, que foram fortemente aplaudidas pela assembleia, e diz crer que a confiança um pouco abalada hoje, voltará com mais vigor ainda dentro em pouco, bastando que para isso todos queiram contribuir.

Marcelino da Silva comunica que a Direcção está empenhada num trabalho de rejuvenescimento colectivo, a que não é lícito negar o indispensável apoio.

Conhece as dificuldades a vencer, o trabalho árduo a realizar, e os poucos elementos de que dispõe, mas convenceido de que são as minorias com ideal que estão reservadas o triunfo, porque a história o diz e os próprios factos o confirmam, está certo de que conseguirá reorganizar a classe em condições de poder defender-se convenientemente. Pede que uma atmosfera de mútua confiança se restabeleça, sem a qual nenhum trabalho se pode realizar com probabilidades de êxito. Em seguida encerrou-se a sessão, seguindo-se a representação do drama em 4 actos «Os Frutos da Sociedade», escrita por um camarada pedreiro e desempenhada por Manuel Pereira, Marta, (autor), Emílio Cunha, Jorge Mateus, Leonel Salvata, João Polido, Alberto Rodrigues, Adelino Coelho, Jorge Ramos, Elvira Costa, Rafael dos Santos, Artur Machado e Leonel Tavares, do Grupo Dramático 8 de Abril. Abrilhantou o espectáculo o grupo musical «Os Bichinhos».

Referre-se aos primeiros sintomas de associativismo no nosso país, aos esforços dispendidos para organizar a Associação e a luta que foi necessário manter para abolir o regime do trabalho do nasear ao pôr do sol. Cita passagens de activ